



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Serviço Social: fundamentos, formação e trabalho profissional

Sub-eixo: Formação profissional

**VIVÊNCIAS NO PET SERVIÇO SOCIAL - UFPI: EXPERIÊNCIAS DO GRUPO DE TRABALHO 3
“GT3 - PROBLEMATIZANDO AS RELAÇÕES SOCIAIS - QUESTÕES ÉTNICAS” DE 2023 A 2024**

VÍVIAN MARIA ALMEIDA DE AMORIM¹

BEATRIZ SANTOS TEIXEIRA DA SILVA²

CHARLENNE CRISTINA DA LUZ MATOS³

LOURDES VITÓRIA DE MELO VELOSO SILVA⁴

MARIA CLARA LIMA E SILVA⁵

RESUMO:

O relato de experiência em tela versa sobre a experiência no Programa de Educação Tutorial em Serviço Social da Universidade Federal do Piauí (PET - Serviço Social UFPI), durante o período de 2023 a 2024, do Grupo de Trabalho 3 (GT3 - Problematizando as relações sociais: questões étnicas). A produção se divide em quatro seções de desenvolvimento que focalizam as atividades desenvolvidas pelas bolsistas, a saber: CINEPET: Artes e Diálogos, PET Comunicação, Seminário e Estudo Temático.

Palavras-chave: Programa de Educação Tutorial; Serviço Social; Relato de Experiência.

ABSTRACT:

This experience report focuses on the experience of the Social Work Tutorial Education Program at the Federal University of Piauí (PET - Serviço Social UFPI), from 2023 to 2024, of Working Group 3 (WG3: Problematizing Social Relations: Ethnic Issues). The production is divided into four development sections, which focus on the activities carried out by the scholarship holders: CINEPET: Arts and Dialogues, PET Communication, Seminar and Thematic Study.

¹ Universidade Federal do Piauí

² Universidade Federal do Piauí

³ Universidade Federal do Piauí

⁴ Universidade Federal do Piauí

⁵ Universidade Federal do Piauí

Keywords: Tutorial Education Program; Social Work; Experience Report.

1 INTRODUÇÃO

O Programa de Educação Tutorial (PET) de Serviço Social da Universidade Federal do Piauí, conta com doze bolsistas, seis membros não bolsistas e uma tutora, docente do Departamento de Serviço Social. O PET de Serviço Social atua a partir de quatro grupos de trabalhos temáticos (GTs) sendo eles o GT 1 - Formação profissional e cotidiano acadêmico-institucional; GT 2 - Processos de trabalho e garantia de direitos; GT 3 - Problematizando as relações sociais: questões étnicas e GT 4 - Problematizando a violência de gênero. As autoras deste artigo são as integrantes do GT 3 em conjunto com a professora tutora.

O PET de Serviço Social, em seu planejamento de 2023-2024, desafiou-se ao propor projetos e atividades que pudessem materializar os fundamentos do Programa de Educação Tutorial. Dessa forma, o programa buscou viabilizar a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, de modo dinâmico e propício ao desenvolvimento de habilidades, de resolução de problemas e da leitura crítica da realidade entre os/as petianos/as de Serviço Social, demais integrantes da comunidade acadêmica e da sociedade. Ademais, o Projeto de extensão “PET em Movimento” é uma estratégia que almeja promover uma formação crítica, capaz de desvelar as manifestações da questão social, objeto de intervenção e estudo do Serviço Social. Propusemos, neste projeto, a realização de diversas atividades, dentre elas iremos relatar àquelas desenvolvidas pelo GT 3, com temática relacionada ao recorte “racial”, a saber: o CINEPET arte e diálogos, o seminário temático, a postagem referente à discussão social de relevância e, o estudo temático.

O CINEPET: arte e diálogos consiste na exibição de produção audiovisual com temáticas sociais relacionadas aos estudos dos Grupos de Trabalho do PET de Serviço Social. Após a identificação e análise prévia de filmes, documentários ou vídeos informativos relacionados aos temas, o CINEPET ocorre de modo presencial em espaço que permita a exibição. Depois da apresentação, o grupo de trabalho realiza o debate entre os participantes, petianos, tutora e eventuais convidados sobre o conteúdo exposto e as implicações deste na sociedade.

As postagens relacionadas às discussões sociais são publicações nas redes sociais oficiais do PET de Serviço Social, com conteúdo e discussões de interesse do Serviço Social e da

sociedade, objetivando a interação dos estudantes e da comunidade. Tais publicações são ricas em informações, acontecimentos políticos e sociais, valores e sentidos.

Os Seminários Temáticos são organizados pelos petianos/as e pela tutora. Os temas e datas são definidos com antecedência para que seja possível a organização, o convite das palestrantes - sejam docentes, pesquisadores, intelectuais, profissionais e/ou integrantes de movimentos sociais -, a reserva do espaço físico, a preparação do material e a divulgação. No formato de Seminário, o evento é também registrado como ação de extensão sendo os participantes certificados.

Os Estudos temáticos se configuram como espaços de aprendizagem através da leitura de textos, de modo a aprofundar o conhecimento sobre determinadas temáticas que exigem maior reflexão do conteúdo e socializá-los. Cada GT faz a busca do material que servirá como base para os estudos relacionados ao tema do grupo. Com as pesquisas documentais, bibliográficas, acesso à vídeos e filmes, as petianas poderão organizar atividades coletivas para socializar as informações e estabelecer outros diálogos.

2 CINEPET: ARTE E DIÁLOGOS

O CINEPET: arte e diálogos é uma atividade desenvolvida periodicamente pelo PET de Serviço Social e tem como objetivo exibir obras cinematográficas que retratem as diversas expressões das questões sociais para os demais membros da comunidade acadêmica. Após a exibição das obras, é reservado um momento para discussão dos filmes, mediado por profissionais e pesquisadores que trabalham a temática.

As discussões promovidas a partir do CINEPET criam um espaço de debate e diálogo sobre os temas trabalhados no interior de cada grupo de trabalho. Dessa maneira, temáticas como racismo, discurso racista e desigualdade racial no Brasil, que fazem parte da linha temática trabalhadas pelo GT3, são socializadas para os demais membros da comunidade acadêmica, não se restringindo ao PET de Serviço Social.

Seguindo a linha temática trabalhada pelo GT3, o grupo tem utilizado o CINEPET para apresentar obras que problematizam o racismo vivenciado na realidade brasileira e seus impactos no Serviço Social. No ano de 2024, em alusão ao dia da mulher, o CINEPET organizado pelo grupo de trabalho, exibiu o documentário “Sobre Nós” (2021), que discute os impactos do racismo



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

no amor e na afetividade de mulheres negras, a partir de depoimentos de mulheres de diversas origens, idades e vivências.

Após a exibição do documentário, as psicólogas Beatriz Marques e Kelly Silva deram início ao debate. As psicólogas destacaram que o racismo é um problema estrutural e, por isso, tem repercussões no âmbito econômico, político e social, o que faz com que as pessoas negras estejam em constante desvantagem em relação a pessoas brancas. Conforme pontua Almeida (2019, p. 31),

[...] o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção.

Tendo em vista o caráter estrutural assumido pelo racismo, este se repercute até mesmo no campo dos afetos vivenciados pelas pessoas negras, que são discriminadas também no campo das relações afetivas. Essa discriminação é vivenciada de forma distinta pelas mulheres negras, que são violadas pelos marcadores de gênero, raça e classe, sendo a parcela da população mais subalternizada. Assim, de acordo com Safiotti (1987)

Na 'ordem das bicadas' neste país, a mulher negra ocupa a última posição. Ela é duplamente discriminada: enquanto mulher e enquanto negra. De acordo com o modelo oficial, cabem-lhe, fundamentalmente, dois papéis: o de empregada doméstica e o de objeto sexual (p. 52).

Desse modo, o racismo interfere de forma particular na vivência de mulheres negras, afetando a forma como são vistas e como se relacionam com os outros. Diante da herança racista, as mulheres negras são preteridas em detrimento de outras mulheres, visto que não são vistas como dignas de afeto e sim apenas como um objeto de desejo. Essa discriminação também afeta a forma como as mulheres negras se percebem, uma vez que, diante dos processos discriminatórios sofridos ao longo da vida, passam a rejeitar e apagar a sua identidade negra.

Os apontamentos levantados pelas convidadas trouxeram importantes reflexões sobre o lugar atribuído à mulher negra na realidade brasileira e às repercussões desses estereótipos na afetividade dessas mulheres. Temas como esse ainda são pouco discutidos no curso de Serviço Social da Universidade Federal do Piauí, apesar dos avanços empreendidos pela categoria nos últimos anos.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Desse modo, o PET de Serviço Social se apresenta como um espaço estratégico que dinamiza e fortalece a ampliação da discussão étnico-racial no curso de Serviço Social da Universidade Federal do Piauí. Isso se dá pelo desenvolvimento de atividades que trabalham a temática étnico racial durante todo o ano. Além disso, as atividades desenvolvidas pelo grupo fortalecem a articulação da UFPI com profissionais, pesquisadores e representantes de movimentos externos à universidade, o que contribui significativamente para a formação dos discentes.

3 PET COMUNICAÇÃO: COLORISMO - VOCÊ SABE O QUE É?

O PET Comunicação, por sua vez, tem como objetivo a socialização das atividades e do conhecimento gerado no âmbito do programa e por seus membros (Teresina, 2022). Para isso, as postagens produzidas pelos próprios petianos/as são compartilhadas nas redes sociais do programa. Essas postagens incluem conteúdos relacionados a datas simbólicas pertinentes às discussões sociais, estudos temáticos, divulgação de ações desenvolvidas no PET de Serviço Social, discussões sociais, Seminários, CinePET, PET Investigação, PET em Movimento, entre outros.

No âmbito do PET de Serviço Social, consiste em atividade relevante que contribui com a divulgação, comunicação e visibilidade do grupo. É realizada por todos os membros do PET, antes e depois das atividades. Avaliamos como de fundamental importância para o bom andamento das ações e visibilidade do Grupo dentro e fora dos muros da UFPI (Teresina, 2022, p. 7).

No tocante às postagens referentes às discussões sociais desenvolvidas pelo GT3, destaca-se o post “Colorismo: Você sabe o que é?”, veiculado no *instagram* do programa no dia 29 de fevereiro de 2024. A postagem foi construída no formato de carrossel de imagens, com pequenos textos que objetivam explorar, de forma breve, a temática a partir de dois textos base, sendo eles: “O colorismo e suas bases históricas discriminatórias” (2017) e “Colorismo” (2021), de Tainan Silva.

A princípio, é apresentado uma breve conceituação que define o colorismo como “também denominado de pigmentocracia, o colorismo destaca-se como uma forma de discriminação racial direcionado à tonalidade da cor da pele de sujeitos não brancos” (PET Serviço Social - UFPI, 2024). Sob esse viés, o colorismo ressalta os traços físicos dos indivíduos como fatores que estão



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

diretamente ligados ao tratamento que eles receberão pela sociedade. Portanto, quanto mais escura a tonalidade da pele de uma pessoa, maiores as chances de ela sofrer exclusão no meio social.

Nessa perspectiva, destaca-se o colorismo como uma forma de discriminação racial que opera na sociedade brasileira, criando a falsa ilusão de passibilidade de pessoas negras em espaços da branquitude. Para tanto, Silva (2017, p. 13) contribui:

Ao contrário do que possa sugerir, a tendência do colorismo não é a de, por benevolência, inserir os negros de caracteres disfarçáveis em ambientes dominados pela branquitude. Não se trata de acolher pacificamente uma camada mais clara de negros, incentivando uma agregação entre as raças, ainda que de uma parcela. Ao contrário, o colorismo apresenta-se como mais uma faceta de discriminação racial e, ainda que não seja possível mensurar e comparar as discriminações raciais existentes, trata-se de um tipo discriminatório extremamente cruel e violento.

Desse modo, é pertinente pontuar que o colorismo trata de uma construção da branquitude, usada como ferramenta para estruturar os espaços públicos e determinar quem pode ou não acessar o capital cultural (Devulsky, 2021). Consequentemente, materializando as sutilezas com que o racismo se manifesta nas diferentes realidades de pessoas negras e sustenta mecanismos que perpetuam o privilégio branco.

Contudo, destaca-se que a discussão sobre o colorismo não significa a desvalidação da negritude dos sujeitos. Do contrário, representa uma forma de compreendê-lo como um mecanismo que opera no processo de potencialização do racismo estrutural contra a pluralidade de corpos negros, atuando na preservação de uma estrutura atravessada pelos privilégios derivados do pacto da branquitude.

4 SEMINÁRIO TEMÁTICO COLETIVO SUELI RODRIGUES E O SLAM

Conforme Luiz Rufino (2019), o período colonial brasileiro deixou profundas marcas na população negra, reverberando atualmente nas diferentes áreas da vida social, particularmente no campo cultural, social e político. Em vista disso, o discurso herdado coloca a população negra em lugares de subalternidade e inferioridade. Entretanto, como estratégia para romper com a escalada do racismo auferido do período de servidão, surgem os grupos sociais em busca de resposta do Estado, a partir de políticas públicas e de ações afirmativas para garantir a inclusão dos grupos historicamente injustiçados.

Nesse sentido, como forma de minimizar os impactos coloniais na educação, o Estado, a partir das ações afirmativas, abre espaço para a população negra adentrar nas universidades através das cotas raciais. Todavia, é imperioso pontuar que a universidade é historicamente um espaço no qual o pensamento hegemônico branco é privilegiado, atuando na perspectiva da perpetuação de poder. Assim, os estudantes negros deram um passo na direção da mudança no Ensino Superior ao ingressarem nas universidades, porém, a luta continua para permanecer e conseguir finalizar a graduação.

Portanto, é dentro desse contexto que emergem os coletivos de estudantes negros como estratégia para percorrer o longo e árduo processo da graduação. Os coletivos de estudantes negros de acordo com Guimarães (2020), mobilizam uma tradição já consolidada pelo movimento negro e pelo feminismo negro, adquirida nas universidades e nos espaços formativos de organizações mais tradicionais e nas redes sociais. Logo, os coletivos se mobilizam politicamente com pautas que permitem um diálogo em pé de igualdade, fortalecido pela comunhão de uma identidade racial.

Ao que concerne o espaço da Universidade Federal do Piauí (UFPI), temos o Coletivo de Estudantes Negros da UFPI, Sueli Rodrigues. O coletivo, por sua vez, é formado por estudantes pretos da UFPI e tem como objetivo promover um espaço de acolhimento, de resistência e de produção de conhecimento antirracista na instituição. O coletivo recebeu esse nome em homenagem à professora Sueli Rodrigues, uma mulher negra, socióloga, advogada e professora de direito da Universidade Federal do Piauí (UFPI), que faleceu em 2022, aos 58 anos, vítima de complicações da esclerose lateral amiotrófica (ELA).

Essa discussão foi o tema abordado durante a atividade do seminário temático em alusão ao Dia da Consciência Negra, realizado pelo GT 3 do PET Serviço Social, que contou com a participação dos membros do coletivo Rodrigues, com objetivo de socializar as ações do grupo na universidade a partir de suas experiências. Além de divulgar o *Slam* como uma forma de expressão cultural e artística de resistência do jovem negro, o coletivo traz luz a temas do seu cotidiano como o racismo, o preconceito, a homofobia, a violência, o machismo entre outros.

O *Slam* pode ser definido como uma competição de poesia falada, um fenômeno cultural que reúne a juventude em performance em rodas de poesia, versando sobre os mais diversos temas de seu cotidiano. Em consonância com D'Alva (2011), o *Slam* surgiu nos anos 80 em Chicago, nos Estados Unidos, logo chegou na Europa e conquistou países como Alemanha, Inglaterra e Suécia. No Brasil o *Slam*, chegou em 2008, trazido pela atriz, pesquisadora, produtora

cultural e poeta brasileira Roberta Estrela que, em seguida, inaugurou em São Paulo a Zona Autônoma da Palavra – ZAP, o primeiro *Slam* de poesia brasileira, em suas palavras:

Isso não é diferente em São Paulo, onde acontece o ZAP! Zona Autônoma da Palavra, o primeiro slam do Brasil. Localizado no bairro da Pompeia, há três anos recebe poetas, interessados em poesia e curiosos de todos os pontos da cidade que se reúnem às segundas quintas-feiras do mês para celebrar a poesia falada (D’Alva, 2011, p. 125).

Nesse sentido, cabe pontuar a importância de Roberta D’Alva para o *Slam*, seu feito como precursora do *Slam* do Brasil e como responsável pela organização do primeiro grande evento de *Slam* no país, além de ser a primeira *slammer* brasileira a representar o Brasil na Copa do Mundo de *Slam*.

As batalhas de *Slam* são eventos de poesia falada que exaltam a palavra, a voz e a expressão. As principais regras são os poemas devem ser todos autorais; quanto à performance, não é permitido o uso de nenhum recurso musical ou adereços visuais. O foco é na palavra e nas expressões corporais do poeta; com relação ao tempo a batalha está dividida em 3 rodadas eliminatórias e cada poema tem no máximo três minutos para sua performance; o júri é formado na hora do evento, são escolhidas cinco pessoas da plateia que darão notas de 0 a 10. Essas regras são bem flexíveis, adaptam-se em conformidade ao evento e garantem que o *Slam* seja um espaço inclusivo e vibrante para a expressão poética. É primordial que haja uma participação ativa do público, principalmente quando os *slammers* conseguem despertar sentimentos como ódio, revolta, amor e alegria durante as batalhas. Nesse sentido, o público pode contribuir com palmas e batendo os pés no chão marcando um ritmo, além de vibrarem quando concordam ou discordam da nota do júri. Logo, toda essa manifestação serve para encorajar o *slammer* a prosseguir para a próxima batalha.

Portanto, diante da discussão realizada com os convidados, foi possível visualizar quanto grande e de fundamental importância é o aprofundamento sobre as contribuições do Coletivo Sueli Rodrigues, assim como a divulgação do *Slam* como um movimento cultural de resistência na promoção da luta antirracista no espaço universitário. Nas palavras de D’Alva (2011, p. 125):

O slam é feito pelas e para as pessoas. Pessoas que, apropriando-se de um lugar que é seu por direito, comparecem em frente a um microfone para dizer quem são, de onde vieram e qual o mundo em que acreditam (ou não). É um espaço para que o sagrado direito à liberdade de expressão, o livre pensamento e o diálogo entre as diferenças sejam exercitados. Um espaço autônomo onde é celebrada a palavra, a fala, e, ainda mais fundamental num mundo como o que vivemos – a escuta.

Por conseguinte, durante a realização dessa atividade que o PET de Serviço Social se apropria do conhecimento histórico e das características tanto do coletivo Sueli Rodrigues quanto do *Slam* como um movimento cultural e um espaço de luta, resistência e escuta das reivindicações da população negra no espaço universitário.

5 ESTUDO TEMÁTICO: O QUE É O RACISMO RECREATIVO?

Em 17 de maio de 2024, às 9 horas, o GT 3 realizou um estudo temático acerca do Racismo Recreativo, em que a discussão se pautou na obra homônima de Adilson José Moreira, pós-doutor em Direito da Universidade de Berkeley e pesquisador no campo de Direito Antidiscriminatório.

O debate se deu a partir de tópicos relacionados ao tema do estudo temático. Assim, a discussão do assunto teve quatro momentos principais: a discussão inicial sobre o racismo e raça; o segundo momento contemplando alguns tipos de racismo; o terceiro momento a discussão acerca do humor e piadas racistas como mecanismos de manutenção do privilégio racial; e, por fim, as produções humorísticas como formas de política cultural.

Inicialmente, o GT 3 abordou a perspectiva do autor acerca do termo “racismo” e a sua pluralidade de significados. Esses significados ajudam na compreensão das suas dimensões e de como essa variedade de formulações teóricas podem ser um obstáculo para o entendimento do que é o racismo. Nessa mesma lógica, o autor assevera que a noção de raça também se depara com o mesmo problema, uma vez que muitos a definem como uma realidade biológica, enquanto outros afirmam que não se trata de um critério válido de classificação dos seres humanos, visto que não há validade científica.

Outros ainda definem raça como uma construção social cujo significado se altera ao longo do tempo e, por isso, possibilita a transformação de identidades raciais. E ainda há aqueles que a entendem como uma categoria jurídica necessária para servir de parâmetro em determinantes contextos sociais para a medição e explicação das desigualdades sociais entre certos indivíduos.

O referido autor ao se apropriar do conceito de Michael Omi e Howard Winant, denominado projeto racial, destaca que o racismo é uma ideologia e uma prática que está em constante mutação e, por isso, assume diferentes maneiras nos diferentes momentos históricos. Além disso, destaca que o racismo é um tipo de dominação social que procura manter o poder nas mãos do grupo racial dominante para suas formas de legitimação, sempre se modificando.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

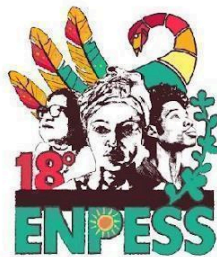
Nesse sentido, Moreira aponta que se deve entender raça como “uma construção social que procura validar projetos de dominação baseados na hierarquização entre grupos com características físicas distintas” (Moreira, 2019, p. 30).

Após essa introdução, a discussão se centrou em alguns tipos de racismo abordados pelo autor: o racismo aversivo, que acontece “principalmente pela expressão de preconceitos sutis, mas persistentes, que indicam o desprazer na interação social com negros [...]” (Moreira, 2019, p. 33), em que os racistas aversivos mantêm apenas interações com as minorias raciais apenas de maneira circunstancial com o objetivo de não serem vistos como racistas; o racismo simbólico sendo a atribuição de referências/significados às minorias raciais de maneira negativa, a exemplo das “associações da negritude com a escuridão, com a falta de caráter e com a degradação moral estruturam a atitude de desagrado que pessoas brancas sentem em relação a negros” (Moreira, 2019, p. 34); e o racismo institucional, que se expressa em práticas que podem afetar certos grupos raciais de forma negativa. Segundo Moreira (2019), essas práticas podem assumir quatro formas:

Ele pode ocorrer quando pessoas não têm acesso aos serviços de uma instituição, quando os serviços são oferecidos de forma discriminatória, quando as pessoas não conseguem ter acesso a postos de trabalho na instituição ou quando as chances de ascensão profissional dentro dela são diminuídas por causa da raça (p. 35).

O terceiro momento tratou do humor racista e da manutenção do privilégio racial, em que a discussão abordou como o humor e as piadas são produtos culturais que existem em determinados contextos sociais. O humor racista tem o objetivo de afirmar o ideário de que aqueles que pertencem ao grupo racial dominante são os únicos dignos de respeito e que podem manter suas posições de poder. Desse modo, as piadas racistas são um tipo de mensagem com uma pluralidade de sentidos que procuram inferiorizar os negros e, ao mesmo tempo, afirmar a superioridade dos brancos.

Por fim, a discussão abordou como as produções humorísticas são uma forma de política cultural utilizada para justificar a reprodução da ideia dessa hierarquia social. Além disso, discutiu-se como os meios de comunicação foram meios importantes para o espriamento dessa narrativa. Monteiro (2019, p. 66) destaca os meios de comunicação como “um meio pelo qual se cria um campo representacional no qual grupos lutam pelo controle sobre os significados das imagens de seus membros.” O referido autor ainda explicita que a televisão tem sido um dos meios mais importantes na reprodução dessa política cultural que permitiu a transformação da



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

branquitude como o belo e o tipo de capital cultural e a negritude como o elemento de inferioridade moral.

Destarte, a discussão promoveu o debate entre os participantes acerca do tema proposto pelo GT, em que foi possível observar a articulação da obra com as vivências cotidianas dos participantes, o que demonstra como a temática debatida é presente na sociedade brasileira, estruturada em um projeto racial consolidado até os dias atuais. Com isso, conclui-se a necessidade dessas discussões no espaço acadêmico, em virtude de possibilitar a leitura crítica dos participantes acerca da realidade social brasileira, a qual está perpassada por esse racismo recreativo que, muitas vezes, pode ser invisibilizado na sociedade.

6 CONCLUSÃO

Diante do exposto, destaca-se o Programa de Educação Tutorial como uma importante ferramenta, valiosa no contexto acadêmico, contribuindo para a qualidade no processo de formação acadêmica. A relevância do programa é evidenciada na articulação entre a tríade ensino, pesquisa e extensão, de modo a proporcionar o protagonismo das discentes nos processos de planejamento e execução das atividades, socialização dos conhecimentos gerados e interação com a comunidade por meio de projetos de extensão.

As atividades desenvolvidas nos anos de 2023 a 2024 proporcionaram experiências que permitiram a troca entre os saberes cotidianos e teóricos, distanciando-se, assim, da produção de conhecimento concebido sob a lógica tecnocrata, além de possibilitar o aprofundamento de temáticas que dizem respeito à questão étnico-racial, contribuindo para uma formação profissional e construção coletiva de uma sociedade antirracista.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- D'ALVA, Roberta Estrela. **Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – o poetry slam entra em cena**. Synergies Brésil n° 9 - 2011 p. 119-126.
- DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo**. Editora Jandaíra, 2021.
- GT3 - Problematizando as relações sociais: questões étnicas. In: Caderno de acompanhamento, Teresina, 2017, Vol. 3.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

GUIMARÃES, A. S.; RIOS, F.; SOTERO, E. **Coletivos negros e novas identidades raciais.** Novos Estudos - CEBRAP, v. 39, n. 2, p. 309–327, ago. 2020.

MOREIRA, Adilson José. **Racismo recreativo.** São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2019.

RUFINO, L. **Pedagogia das encruzilhadas.** Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019

SAFFIOTI, Helleieth. **O Poder do Macho.** São Paulo: Editora Moderna, 1987.

SILVA E SILVA, Tainan et al. **O colorismo e suas bases históricas discriminatórias.** Direito UNIFACS–Debate Virtual, n. 201, 2017.

PET Serviço Social - UFPI. **Colorismo: você sabe o que é?** Teresina, 29 fev. 2024. Instagram: @petservsocial. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C372gXorC9o/?igsh=YXBjaGFmMjllOHJy>. Acesso em: 20 jul. 2024.

TERESINA. Ministério da Educação. **Relatório Final Projeto PET Em Movimento 2022.** 2022.